

*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*



Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'Impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira, 14 de Setembro de 1908

OS NOSSOS

4.ª SERIE
Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes
2.500\$000 
ou
 **1.200\$000**
por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Vêr se n'estes numeros

N.º _____ a N.º _____

está contido o numero da **SORTE GRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 18 de **SETEMBRO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 3863** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 25 de **SETEMBRO** de 1908.

2.ª — A este sorteio teem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos **Agentes e Depositarios**.

3.ª — O assignante ou annunciante a quem pertencer o decimo será avisado por um postal enviado pela redacção.



Capitão Manuel d'Oliveira Gomes da Costa

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 as 11

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em
LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo, d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de baptismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que preferê?»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

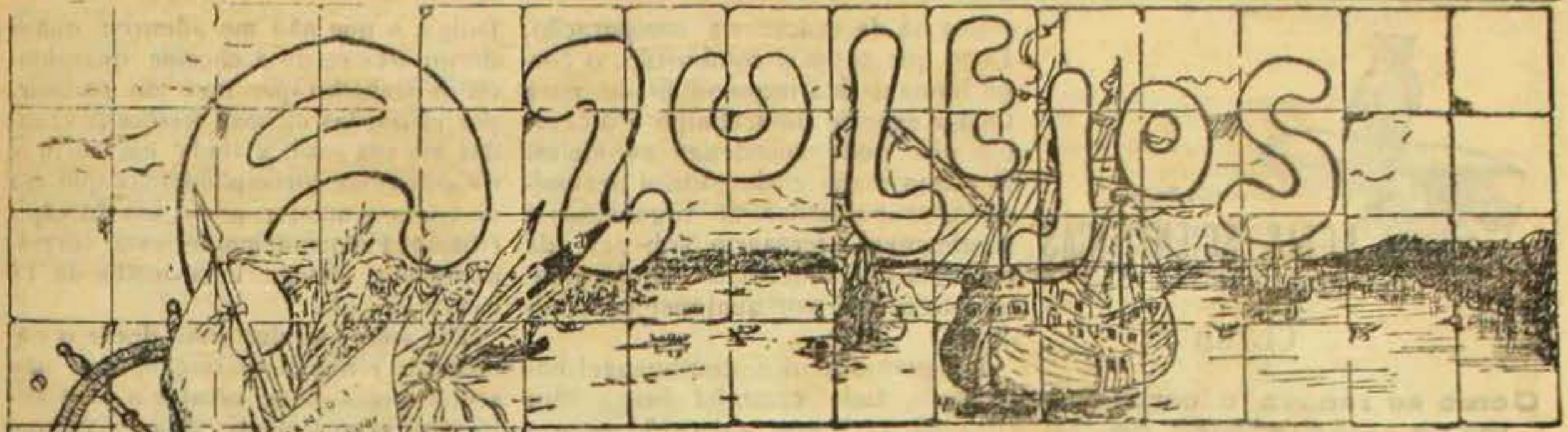
— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
 A ESTA REDACÇÃO



Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÊ e LAMPARINA
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
MUSICOS: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officina d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
14 DE SETEMBRO DE 1908
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições de assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400 »
A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ
E TORRADAS



O moco d'esquina é, filosoficamente considerado, a consubstanciação do resto da humanidade. Quanto mais estu- tudo esse produto hibrido, que dá pelo nome de moco de recados, e do qual é sempre difficil averiguar a nacionalidade, quanto mais profundo a psicologia dessa individualidade zoológica, pertencente em exclusivo á fauna portugueza, conhecido nas regiões sublimes da sciencia pelo nome de *galégus lusitanus*, seja elle de *Monsoum do Minho* ou *Bigo*, de *Biana* ou de *Pontebedra*, tanto mais me convenço que tal variedade da especie humana (sic) é a sintese da humanidade em todas as suas manifestações de actividade, o representante de todas as condições sociaes, de todos os partidos politicos, de todas as artes, sciencias e officios. Não pode haver a menor duvida, o *galégus* tem, em potencial, todas as virtudes, vicios, defeitos, prendas e aptidões do genero humano. E, para que a sua superioridade sobre nós, fôsse

cabal e absolutamente demonstrada, ainda o moço de recados tem muitas das boas qualidades que aproveitamos a certas especies que convençionamos, por estúpida vaidade, chamar irracionaes, sem sabermos o que lhes vae n'alma, porque *nunca fomos brutos* apesar de, cada um mêta a mão na sua consciencia, estarmos constantemente a merecêr o epiteto. Do alto da sua omnipotencia, o *galégus* personifica ás vêses o mais alto poder do Estado. Um autocrata por mais tirano e absoluto que sêja, não é capaz, ao despedir de sua presença um ministro que decaiu da graça, de encontrar uma frase como a que tem o *galégus*, quando, decidido a quebrar de vez com alguém, dá um coice na parêde e exclama olímpicamente «*Chica*». Na verdade, é uma bêla palavra, acompanhada dum bêlo gesto. O seu lugar é a *esquina*. A *esquina* é, segundo a minha maneira de vêr, a instituição verdadeiramente nacional, devo talvez dizer: mundial. Está á esquina o politico esperando que o patrão faça as contas ao outro criado e o chame para fazer o recado constitucional, levar a cartinha d'amôres ao parlamento, efetuar a *mudança* eleitoral e... receber a competente esportula. A *esquina* estão sempre e estarão até á consumação dos seculos, o caixeiro que deseja a morte do dono da casa para lhe casar com a viuva ou com a filha; o Lovelace que espreita as mulheres casadas a vêr se alguma escorrega no passeio e lhe pode deitar a unha; o covarde que deseja ferir o inimigo pelas costas; o estudante que espreita o collega para lhe passar adiante, ou o professor para o transformar numa torrada... com manteiga; o aspirante

que gargarêja para a Souza do terceiro andar; o larapio em visão constante das pratas do conselheiro Berimbau; a mulher na contemplação das *gaucheries* da *robê* ou da *chou* da sua melhor amiga; eu... a vêr se consigo impingir o chá e torradas ao Xavier ou ao Mantua... tu a... elle a... nós a... tôdos, tôdos á esquina como *galégus*, movidos pela vaidade, pela sobêrba, pela ambição, pêlo interesse... pêla miseria humana, emfim! Até os justos, os santos, os bons, estão ali, todos empilhadinhos á esquina da rua do Paraíso, esperando hipocritamente que S. Pedro lhes abra a porta e prontos a exclamarem, ao vêrem-se lá dentro: «*Safa, intrujámos a Deus Nosso Senho or, mas nosso trabalho bastante nos custou.*» O moco d'esquina é um artista: para entregar uma carta, sem que ninguem o saiba, *pinta* o diabo e, com o barril ás costas, canta debaixo d'agua, o que, creio, nem a *Patti* foi capaz de fazer. O *galégus* tem, alem de tudo mais, alguma coisa que o torna superior ao resto da humanidade: a falta de fardamento, o desprezo da librê que todos envergâmos e que, material ou moral, de oiro ou de subserviencia, nos coloca abaixo dos grilos e dos vagalumes. Pois bem... a humanidade, tôrpe, má, invejosa, não pode vêr com bons olhos algum superior a si e... quer fardar o *galégus*.

.....

Chica!
Lisboa 12-9-08

JOÃO KEVÊ.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Como se renova o corpo humano — As edades de 21, 28, 35 e 42 annos.

Poucas são as pessoas que ignoram a renovação que se dá no corpo humano de sete em sete annos e que, tambem de sete em sete annos, os nervos, os musculos, os tecidos todos do organismo que estão gastos, são substituidos por novos tecidos que consentem a prolongação da vida.

Esta mudança completa do organismo é verdadeira, mas não se verifica num dia ou num mês, pelo contrario é extraordinariamente lenta.

Todos os atomos do nosso corpo, desde o occiput á palma do pé, estão constantemente em combustão, noite e dia. Qualquer das nossas gentis e formosas leitôras, emquanto percorre com os lindos olhos estas simples linhas, está insensivelmente, ardendo.

A natureza é uma operaria sem rival que nunca permanece inactiva. O corpo vai consumindo a sua energia no trabalho phisico e intellectual e na incessante emissão do calor. No trabalho está incluída toda a especie de esforços musculares: o andar, o movêr-se, o saltar, o fallar, o cantar, o respirar e até a actividade mental. Pelo que se refere ao calor, emitimo-lo pela respiração e transpiração.

A quantidade de energia creada diariamente pelo corpo humano, nas condições ordinarias, calcula-se em uns 1:000 kg, quantidade que constitue a provisão de energia diaria de um corpo são e activo.

Como consumimos estes 1000 kg. de energia? Todo o trabalho muscular feito durante um dia não requer mais do que uns 145 kg. de energia. Que se faz dos 855 kg restantes?

Poderá parecer surprehendente, mas é indubitavel, que este enorme residuo se evapora, digamo-lo assim, sae do corpo em forma de calor.

Eis, porque podemos dizer literalmente que nos estamos queimando em vida. A energia e o calor combinados vão, consumindo os nossos tecidos, queimando-os a fogo lento, mas a natureza encarrega-se de repôr as perdas, substituindo com novos atomos, aquelles que a combustão faz desaparecer, do mesmo modo que numa cidade se substituem por novos edificios os que o tempo e a mão do homem derrubam.

Costuma comparar-se o corpo humano com uma machina e alguma

cousa ha de exacto na comparação. Logo que cessa a combustão, o corpo humano fica impossibilitado para toda a especie de trabalho e o cerebro não pode coordenar as ideias. Por esta razão é de toda a necessidade, proporcionar ao organismo o combustivel necessario, sob pena da machina não funcionar regularmente, isto é, sobrevir qualquer enfermidade.

Emquanto temos combustivel necessario, tudo caminha bem; sem elle, não podemos ter calor para o corpo, nem meio de aquecer o ar que respiramos, nem de verificar a evaporação das substancias fluidas da pelle.

Os escriptores, os sabios, todas as pessoas em summa, que trabalham principalmente com o cerebro, emitem maior quantidade de calor, que as que fazem trabalhos corporaes; disto resulta, que estão mais expostas aos colapsos. Os dispendios de energia excedem as entradas e necessariamente resulta a bancarrota.

Taes pessoas precisam deixar as suas occupaões até adquirir um novo capital de energia, pois que os tecidos foram consumidos pela combustão em menos tempo do que a natureza emprega para os substituir.

No organismo succede nestes casos o mesmo que a um empregado que, ganhando 500\$000 réis por anno, os gasta em 8 meses, para viver os 4 restantes vêr-se-ha em grandes apuros.

As edades de 21, 28, 35 e 42 annos são os periodos mais criticos da vida do homem, pois ao cumprir se cada uma dellas é quando a natureza termina uma renovação do corpo, para recommear outra. Tambem acontece o mesmo fenomeno aos 7 e 14 annos, mas então a mocidade ajuda a supportar melhor a crise.

Uma das provas adduzidas para demonstrar a periodicidade destas mudanças é aos 7 annos ser vulgar qualquer creança ter os olhos e o cabello diferentes de quando nasceu.

ESPIRITISMO

Uma entrevista com a Princesa Karadja, de Stokolmo¹

«Ha alguns dias bati á porta da Princesa Karadja, na sua habitação. Fui introduzido no seu gabinete de trabalho, uma pequena sala muito confortavel, mobilada com um gosto esquisito e caracteristicamente pessoal, onde me recebeu da maneira a mais amavel.

A Princesa tinha um ar de grande

¹ Do «Stockolms Fidinngen». A princesa Karadja, alem de escriptora distincta, é notabilissima por seus trabalhos, entre os investigadores da Suecia.

fadiga, o que não me admirou, quando me descreveu a enorme quantidade de trabalho que teve de realizar, por causa das ultimas sessões celebradas em sua casa, e ainda em virtude da volumosa correspondencia que era obrigada a manter por causa do espiritismo. Frequentemente esta correspondencia attinge uma media de 18 cartas por dia.

Por isso me declarou desde o começo de nossa conversação, que não se sentia forças de se prestar a uma entrevista propriamente dita, mas que ainda assim desejava, visto o interesse que eu parecia ter por estas questões, dar-me varias informações a tal respeito.

A nossa conversa que durou duas horas, tomou o caracter de uma pequena conferencia, dada pela Princesa, em quanto que eu me limitei em geral, a manter o papel de ouvinte mudo.

Mais ella avançava no assumpto, mais se animava. Seus gestos se accentuavam expressivos e vivazes, e seu olhar intelligente testemunhava o ardor posto na defeza da causa, de que se tem tornado indefeso campeão.

Um alegre sorriso ou um dito gracioso mostravam de tempos a tempos, que possui um bom fundo de temperamento satirico, que não receava manifestar em termos um tanto vivos, sobre tudo, quando se tratava de desarrasados adversarios do espiritismo.

Declarou-me comtudo de passagem, que só luctava pela causa em si mesma e que as alfinetadas dirigidas contra a sua vida particular a deixavam completamente indifferente.

Entrámos então no interessante assumpto das ultimas sessões aqui realizadas, sendo a Princesa de opinião que ellas deviam ser consideradas entre as mais interessantes da historia do espiritismo, pelos resultados brilhantes que tinham dado.

Na primeira sessão, appareceram tres espiritos e um d'elles sobrepassava o medium a altura da cabeça.

Mesmo na sessão, que se classificou de abortada, revelaram-se seis espiritos, e na sessão de quarta feira, houve a apparição d'um ser feminino de uma belleza supra terrestre, impossivel de descrever-se por palavras.

Esta apparição radiosa vinha envolta n'um véu, que parecia tecido de raios de luar, ou, como o fez notar um dos assistentes, de fios de crystal.

Esta forma bella trazia sobre a cabeça uma corôa de myrtho, cujo effluvio perfumou tode a sala. Com seu gesto gracioso, o espirito tomou um ramo d'essa corôa e lançou o a dois assistentes, que n'essa apparição tinham reconhecido sua filha morta.

— Mas como explicar a presença d'esse myrtho natural? — perguntei eu.

— Ou foi materializado n'aquelle momento, ou já alli estava em virtu-

de «d'um apport», — respondeu a Princesa.

Aquillo que é materializado meramente á custa dos fluidos do medium, desaparece; mas se um objecto existe e é tomado tal qual pelo Espírito e trazido por elle (apport), então não desaparece.

Depois d'isto Karadja entrou n'uma dissertação a fundo, sobre o que é o apport, dissertação que sou obrigado a omitir, com receio de commetter algum erro ao querer reproduzir as suas palavras.

Para me fazer comprehender o que é a materialisação d'um espirito, a Princesa mostrou-me a reproducção de algumas photographias de espiritos. Pessoalmente muitas vezes ella assistiu a materialisações, contando-me até, que tinha cerrado a mão a uma forma materializada. Essa mão tinha-lhe parecido quente ao contacto; distinctamente sentiu as pulsações da vida, mas a mão em seguida dissolveu-se pouco a pouco.

A ultima sessão tinha tambem dado bons resultados.

Proporcionou-me, se o desejasse, examinar n'essa occasião as actas que de taes experiencias se fizeram, pois que ella por precaução tinha feito de maneira, que cada assistente, logo no fim das sessões e antes de communicarem uns aos outros as suas impressões, redigisse um relato dos factos que tinha observado.

A leitura de taes peças levou-me um certo tempo, e forçoso me é confessar a verdadeira admiração de ver tantas pessoas (cerca de sessenta) ter uma opinião unanime sobre os pormenores de que tinham sido testemunhas.

(Continúa).



O pequeno escrevente florentino

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

Com o trabalho excessivo e o pesar constante, ia perdendo as côres, emmagrecendo cada vez mais, luctando com a necessidade de descurar os estudos.

Percebia bem que isto havia de acabar um dia, e todas as tardes dizia consigo:

— Já esta noite me não levantarei.

Mas ao soarem as doze badaladas, no momento em que devia mais vigorosamente permanecer no seu proposito, sentia como que um remorso, e

parecia-lhe que se ficasse na cama faltava a um dever e roubava uma lira a seu pae e á sua familia.

Então levantava-se, pensando, que, qualquer dia, o pae, despertando, o surprehenderia no trabalho, ou que poderia vir a conhecer o engano, se por acaso lhe desse para contar as cintás; e então tudo se explicaria, naturalmente sem um acto da sua vontade, que elle se não sentia com coragem de exercer.

E assim continuava...

Mas, uma tarde, ao jantar, o pae, pronunciou uma palavra que foi decisiva para elle. A mãe encarou-o, e parecendo-lhe vel-o mais fraco e mais amortecido do que o costume, disse-lhe:

— Julio! tu estás doente! e voltando-se com anciedade para o pae acrescentou... Julio está doente!... Vê como está pallido! Meu Julio, que tens?

O pae olhou-o de relance e disse:

— E' a má consciencia que faz a má saude. Não estava assim quando era um escolar estudioso e um filho de coração.

— Mas elle está mal! exclamou a mãe.

— Não me importo nada com isso concluiu o pae.

Aquellas palavras foram facadas no coração do pobre rapaz.

Ah! não se importava mais com elle... seu pae, que antes tremia, só de ouvi-lo tossir!

Já o não amava, e portanto não havia mais duvida que morrera para o seu coração.

— Oh! não meu pae— pensou elle, com o coração angustiosamente opprimido— isto assim não pode continuar. Eu não posso viver sem o teu affecto, quero readquiril-o todo inteiro; dir-te-hei tudo, não te illudirei mais, estudarei cemo d'antes, aconteça o que acontecer, com tanto que tu... pobre papá, continues a querer-me bem. Oh! d'esta vez, estou bem seguro da minha resolução!—

E comtudo, ainda aquella noite se levantou, mais por força d'habito que por outra coisa...

Depois teve desejo, uma vez ainda, de tornar a entrar por alguns minutos n'aquelle quarto onde tanto tinha trabalhado, ás escondidas, com o coração cheio de satisfação e de ternura.

E quando se viu perto da escrevaninha, com o candieiro acceso, e viu aquellas tiras em branco, sobre as quaes só se escreviam nomes de cidades e de pessoas, nomes que já sabia de côr, foi invadido de uma grande tristeza; e n'um momento rapido e nervoso, pegou na penna para principiar o costumado trabalho.

Mas, ao estender a mão, deu com o braço n'um livro e o livro cafu...

Teve um sobresalto.

Se o pae acordasse.

(Continúa).

Fascinação

Sim! O condão do teu olhar
Da tua bocca o sorriso,
Como são d'enfeitiçar
De prender ou seduzir!

E quem de ha muito descreu
Do prestigio ou do amor
Ao fictar um olhar teu
Sentiu da chama o ardor.

E presa da sympathia
Que tanta graça suscita
Do marasmo em que vivia
Ai! Resurje! Resuscita!

Milagre de amor

Um dia, quando eu morrer,
Vae p'ra junto do meu leito
Une o teu com o meu peito,
E ao meu, teu rosto bonito;
Verás que heide reviver
Verás como eu resuscito!...

No fim da luta

Dorme, descansa na eternal jazida
Operario assiduo que o lidar cançou
D'este infortunio que se chama vida
Dorme, descança, que o teu penar findou!

Do berço ao esquife, foi lhe a vida obscura
Um mar, sem praia, um balão a sorte
Hoje, o reponso tens da sepultura
E a paz eterna da mansão da morte

Nas varetas d'um leque

Se Eva, no Paraíso,
Fez cahir o Pae Adão,
Com certeza a maganona
Levava um leque na mão!

ANGELO PITOU.

Guitarra de Romanol

85

O destino um bello dia
Tirou-se dos seus cuiados
E mandou que a maioria
Fosse de tolos chapados.

86

Ministro de grande fama
E' nabo posto em talhão:
De fóra só mostra a rama,
A cabeça está no chão.

87

Tens um chalet em Cascaes?
Não é caso d'espantar,
Pois hasde ter muito mais
Emquanto a *Burla* durar.

88

Quando a miseria consome
Quem tem a honra por norma,
Quasi sempre a negra fome
N'um criminoso o transforma.

89

Rir d'uma mulher d'esperanças
E' uma acção bem vilã
E mostra fracas lembranças,
Quem troça do *Amanhã*.

SONETO

Eu qu'ria possuir o genio de Camões
P'ra vos cantar, Senhora, em versos de
Ter o estro subtil do meigo trovador
Tecendo, á luz da lua, as mais gentis canções!

Minh'alma vibraria em lindas concepções,
Sublime a desfolhar do Sentimento a flôr;
Cantar-vos-hia, sim, ó dona d'este amôr,
Se acaso possuísse o genio de Camões!

Faria d'este amôr, que o peito me esphacella
E a vida me transforma em horrída procella,
O mais encantador, transcendental poema!

Depois, humildemente e acalentando esp'ranças,
Beijar-vos-hia, louco, as vossas negras tranças,
Narrando-vos, Senhora, a minha dôr suprema!

Lx.ª 4-9-908

MAC-ILLERNO

O nosso amôr

Pedi-lhe amavelmente que tocasse,
Um.a peça qualquer no seu piano;
Tambem não foi preciso que eu instasse;
Satisfiz-me de um modo todo lhano.

Com meigo olhar, com porte soberano,
Prendendo a trança enrubescendo a face,
Sentou-se á cadeirinha do piano,
E não tardou que a peça excutasse.

Era uma valsa!... Mas que valsa aquella!
Era a meu gosto, a de maior valor,
Da grande collecção da loira Stella,

E perguntei-lhe spóz:— Oh! «anta, oh! flôr,
Como se intitula essa valsa? E ella
Respondeu-me sorrindo:— O nosso Amôr!!

EDGARD AYRES.

A NOSSA ESTANTE

Illuminuras — *Contos e Novellas por Lyster Franco.*

O apreciado auctor dos *Contos lumbres* acaba de publicar mais um elegante volume, a que deu o nome de *Illuminuras*, as quaes são um fertil manancial de inspiração do talento litterario de Lyster Franco, que teve a amabilidade de enviar-nos o seu novo e excellente trabalho, dá-nos a impressão nítida d'um poeta escrevendo boa prosa. Fertil em imagens, de estylo pujante, patenteia-nos atravez da sua obra os vastos conhecimentos adquiridos pela muita leitura e estudo.

Parece nos um trabalhador cheio de boa vontade e, como o talento lhe não escasseia, podemos afirmar que do novel auctor das *Illuminuras* muito tem a esperar a litteratura nacional.

Quem se apresenta sob tão bons auspícios dá-nos direito a que lhe façamos tão bello vaticínio.

A Lyster Franco, que não temos a honra de conhecer pessoalmente, enviamos as nossas felicitações e agradecimentos, pondo á sua disposição as columnas do «Azulejos», que, certamente, muito enaltecera com as suas producções.

O nosso Concurso Artístico

E' no dia **21 de setembro**, data do primeiro anniversario do **Azulejos**, que definitivamente tem lugar o sorteio do **Concurso Artístico**.

Os brindes serão expostos, durante alguns dias d'esta semana, na mostra de **O Gato Preto**, esquina da Rua de S. Nicolau e da Rua do Crucifixo, importante estabelecimento de faianças artisticas, que amavelmente se offereceu para fazer a nossa exposição.

Na semana seguinte, depois de realísado o sorteio, serão tambem expostas ao publico as innumeradas collecções dos nossos concorrentes, entre as quaes ha muitas artisticas e de subido valor.

Como é feito o sorteio. Qual o numero dos premios.

Todos os premios tem um numero d'ordem.

N'uma urna entrarão tantas espheras numeradas quantas forem as collecções enviadas pelos concorrentes, n'outra urna entram igual numero de espheras, contendo algarismos, tantas d'ellas quantos forem os premios e sendo brancas as restantes. Tirar-se-hão uma a uma as espheras da primeira urna e simultaneamente as da segunda urna, que poderão ser brancas ou numeradas, indicando estas ultimas qual o numero do premio que corresponde á esphera da urna n.º 1.

A percentagem dos premios é de um por cada dez collecções.

N'um postal

(O seu perfil)

Divagando

(a A. A. D. P. C.)

Delicadissimo mixto de belleza e de candura...

Quando passa, julgo vêr *mari poseiar* ante mim a vaporosa imagem d'um sonho feito de irisações apolineas, d'encantos venustas!

Quando sorri, parece haver mais poesia n'um dos seus sorrisos do que luz em todas as constellações dos astros!

Quando falla, parece que uma invisível symphonia de beijos, modula a sublime Epopeia do Amôr!

Alfim, quando essa deliciosissima figura feminina de uma diaphaneidade tão impolluta, de uma raça e de uma transcendencia tão requintadamente encantadoras assama, faz-me recordar as divinas mulheres ideaes da galeria de Shakespeare e dos formosos quadros de Bembrandt!

Porto, 1908.

PEDRO M. DA FONSECA.

(Othão)

A uns noivos

Como são ambos ditosos!
Como são alvo de inveja!
Logo, em sahindo da egreja,
Vão embeber-se nos gosos.

E de hoje a um anno, talvez,
Haja uma esposa trahida
Que para passar a vida,
Pensa apenas na viuvez!

A um suicida

(Morto . . de fartura)

Dos gosos da vida, cansado, e sedento,
Buscou aqui dentro, repouso ao viver,
Ludibrio do accaso, não quiz o tormento.
E para evital-o, lembrou-lhe morrer!
Deixado no seu jazigo por

1864

ANGELO PITOU.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O 1.º anniversario do Azulejos

Na proxima 2.ª feira, 21, data em que passa o primeiro anno do nosso semanario, afim de satisfazermos ao favor sempre crescente do publico, faremos um numero especial de **12 paginas**, contendo alem, de interessantes secções e gravuras, **duas paginas de musica**, sendo uma d'ellas para bandolim.

Comprem o numero 53 do Azulejos.

Que encanto!...

Mas que mulher, meu Deus, como é formosa!
Que vizão estonteadora e divina!
Que delgado o seu corpo sensual
Num vestido galante côr de rosa!

Que maneira de andar tão graciosa,
Que elegancia suavissima e real,
Que encantador sorriso triumphal,
Figurinha de Saxe radiosa!...

Quando passa na rua altivamente,
Os jovens n'um sorriso terno e brando,
Sentindo a chamma dum amôr ardente,

Curvam-se com respeito e humildade,
Emquanto, a sós commigo, eu vou pensando:
«E queria meu pae que eu fôsse frade!»

MANUEL CHAGAS.

DEFINIÇÕES

Absolutismo—Martello que tem por cabo o povo e ao qual elle se admira de servir de bigorna.

Accento—Maneira de pronunciar as palavras, de que os sabios fizeram uma verdadeira sciencia.

As sete maravilhas do mundo

O pharol de Alexandria

Foi o architecto Sostrado, de Cnido, que o edificou por ordem do primeiro dos Ptolomeus; custou o que em moeda nossa, corresponde 2.848.800 contos de reis.

Era o mais celebre dos pharoes construidos pelos antigos e o mais sumptuoso que tem havido no mundo.

Em abono desta descripção summa-ria, vamos reproduzir alguns textos de auctores antigos e da idade média.

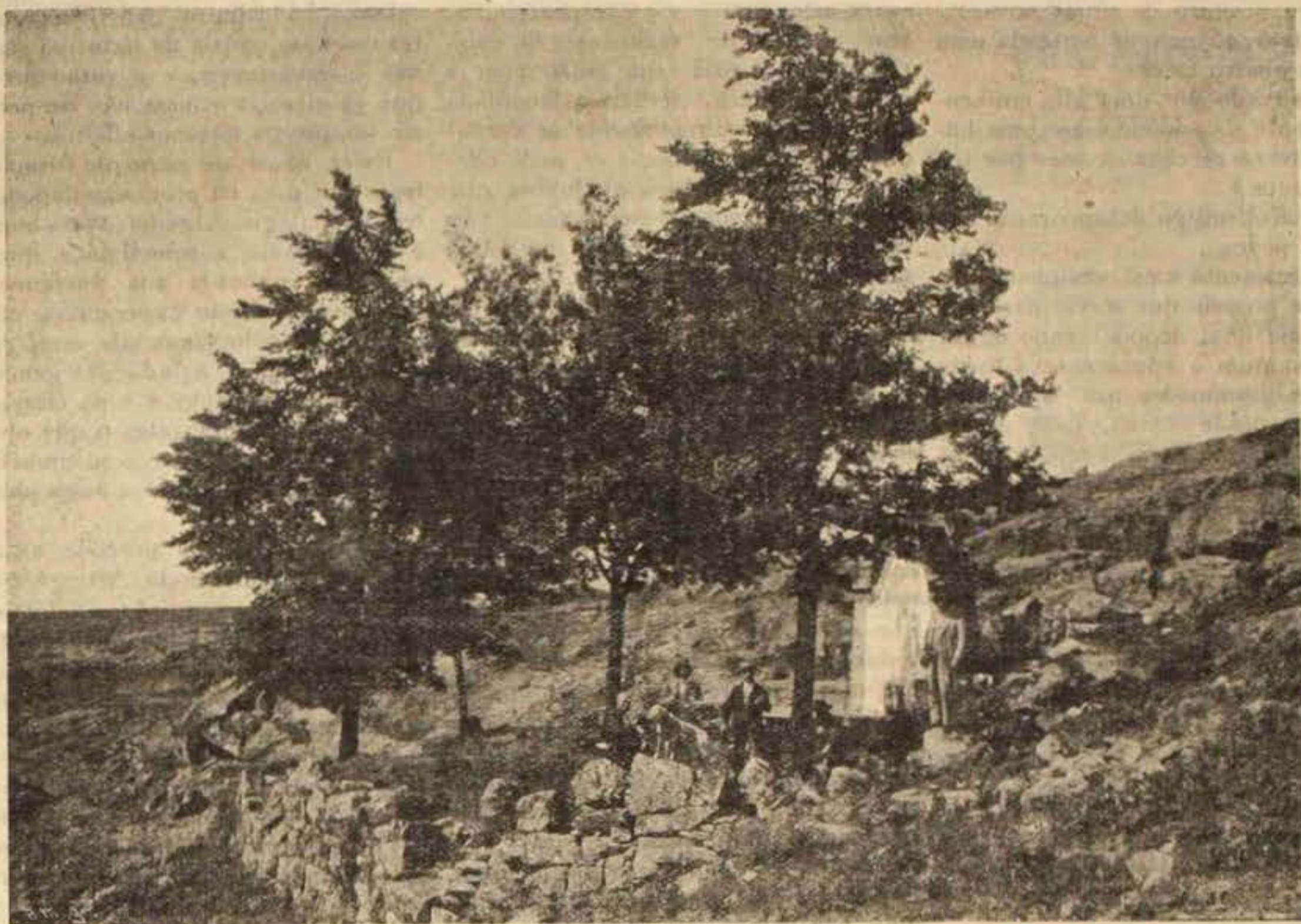
Flavio Joseph na sua *Historia da guerra dos judeus e dos romanos*, falando de uma torre chamada Phazael, erecta em Jerusalem, diz:

«A sua forma era semelhante ao pharal de Alexandria, onde brilhava constantemente uma luz que servia de pharol aos mareantes, para que não mettessem pelos rochedos, onde podiam naufragar».

de Alexandria, mas não do velho porto, onde os navios não abordam, por ficar distante das habitações.

Actualmente o pharol tem cerca de 230 covados de altura; antigamente media, perto de 400, o tempo, os tremôres de terra e as chuvas deterioraram no em pouco tempo. E' de três formas distinctas a sua construcção: é quadrangular até menos de metade e um pouco mais do terço é feito de pedra branca, medindo perto de 110

Portugal pittoresco



S. MARTINHO D'ANTA.—*Fonte da Senhora da Azinheira*

Erguia-se em um rochedo que rematava a extremidade oriental da ilha de Pharos. Era todo de marmore e dividido em três andares, formando cada, um corpo differente; a base ou primeiro andar era quadrangular, o segundo andar formava um octogono e o terceiro era um cylindro.

O ultimo andar era cingido em volta por uma galeria. Quem subia os degraus de marmore que conduziam até lá, podia abraçar com a vista toda a cidade, as suas fertes campinas, o Delta cortado pelos canaes, o Nilo arrastando para longe as suas aguas amarelladas e o mar estendendo-se num espaço immenso. A luz do pharol estava a uma altura superior a cento e dez metros acima da praia e distinguia-se a oito leguas de distancia.

Em uma passagem anterior diz:

«A entrada do porto de Alexandria é muito difficil. Do lado esquerdo ha um grande molhe que é como um braço que cinge o porto; ao lado direito ha a ilha de Pharos onde se construiu uma elevada torre que tem constantemente acesa uma luz cujo clarão se estende a trezentos estadios de distancia e dá a conhecer aos marinheiros a linha de navegação que devem seguir.»

Manedi, escriptor arabe do quarto seculo da Hegyra, falla do pharol da seguinte maneira:

«Presentemente é de cerca de uma milha, a distancia que ha entre o pharol e a cidade de Alexandria; o pharol fica na extremidade de uma lingua de terra cercada de agua por todos os lados, que existe na bocca do porto

covados; depois torna-se octogono e é de pedra e cal na extensão de noventa e tantos covados, restauração de certo, relativamente moderna.

Cerca o uma varanda que permite passeiar em volta delle.

Finalmente a parte superior é circular.

Diz um escriptor que mediu o pharol e achou ter 230 covados.

E' de três andares; o primeiro figura um quadrado, de cento e vinte covados e meio de altura, o segundo apresenta a forma de um octogono com oitenta e um covados e meio; o terceiro é circular e tem trinta e tres covados e meio.»

Finalmente outro arabe, Ibu-Batusa que nasceu em Tanger em 1602 e viajou durante vinte e quatro annos pela Russia, Asia menor, Syria, Hespanha,

Sudão e pelo Egypto, falla do seguinte modo, acerca do pharol:

Durante esta viagem, visitei o pharol e achei arruinada uma das suas faces; é uma construcção quadrangular que se ergue para os ceus. A porta é praticada acima do solo; em frente ha uma construcção da mesma altura que serve para nella se segurarem pranchas de communição para a porta do pharol, á qual não ha meio de chegar, quando se tiram as pranchas. Pela parte interior da entrada ha um compartimento onde está o guarda do edificio.

No interior do pharol ha muitos outros compartimentos. Mede 9 palmos de largura, a passagem que dá para o interior e tem 10 palmos de espessura o muro de fortificação. O pharol tem 40 palmos em cada uma das suas quatro faces.

Está situado em uma alta eminencia distante da cidade e em uma lingua de terra cercada de mar por todos os lados.

Do pharol antigo desapareceu até a ultima pedra.

Primitivamente a palavra pharol era um nome proprio que servia para designar uma ilha; depois tornou-se um nome commum e applicou se a todas as torres illuminadas que os homens ergueram desde então, para segurança da navegação. E' a repetição do que aconteceu com o Mausoleu que tambem se tornou um nome commum que ainda se applica aos monumentos funerarios, quando apresentam uma tal ou qual magnificencia.

Tanto o pharol como o Mausoleu tiraram a sua progenie que ao que parece, serviram de tipo ás construcções do mesmo genero que a antiguidade ergeu depois.

ESTUDOS DE OCCULTISMO

A ANALOGIA

L'analogie est aussi une lumière; c'est-elle qui est la voie qui mène à la vérité. Elle est aussi supérieure à la raison que la lumière du soleil l'est à vos lumières artificielles.

Dr. Ely Star—Les Mystères de l'Etre

Estamos convencidos de que o nosso artigo, publicado no n.º 50 do *Azulejos*, deve ter surpreendido desagradavelmente muito leitor acostumado na indagação da verdade, a seguir os processos rigorosos da indução e da deducção. E' natural, que o leitor, se teve a paciencia de nos seguir até final, julgasse que o estavamos disfructando, ao ler que, da direcção rectilinea ou curvilinea apresentada pelas guias do bigode, ou de qualquer outra parte do corpo de um individuo, tiravamos consequencias importantes para a determinação do character de esse mesmo individuo.

Ouve leitor: Ha verdades que nós conhecemos directamente por *intuição*. O nosso *eu* põe se por assim dizer em contacto directo com ellas. São verdades elementares que nós sentimos, sem podermos, nem necessitarmos demonstrar-las. São poucas estas verdades intuitivas, entre outras citaremos as seguintes:

O todo é maior que cada uma das suas partes.

Dois quantidades eguaes a uma terceira são eguaes entre si.

Se a quantidades eguaes juntarmos quantidades eguaes os resultados serão eguaes.

Como estas mais algumas.

Outras verdades ha porem, que não podem entrar em contacto com o nosso *eu*, nem serem por elle percebidas, sem auxilio de raciocinio. O espirito, velado pela sua união com a materia physica, perdeu a faculdade de reconhecer directamente as verdades mais complicadas, e só pode chegar a isso por varios methodos que o leitor conhece e que lamenta não termos empregado. Esses methodos são a *inducção* e a *deducção*.

Ha porem outro methodo, muito empregado em *occultismo* e que talvez não seja completamente desconhecido do leitor. E' a *analogia*.

Antes de examinarmos em que consiste este methodo e estudarmos a maneira de o empregar, vejamos o que se entende por *inducção*. E' a operação que consiste em applicarmos a conclusão geral a que chegarmos, pelo estudo das circumstancias em que se se produz um phenomeno, a todos os phenomenos da mesma especie, observados em qualquer lugar da terra e em qualquer tempo. E' por este methodo que chegamos a elevarnos á comprehensão das leis por que se rege uma certa classe de phenomenos. Exemplifiquemos:

Examinemos um triangulo qualquer e por um dos seus vertices tiremos uma parallela a um dos lados. Demonstra-se que os tres angulos dispostos para um dos lados dessa linha recta, em redor do vertice, são respectivamente eguaes aos tres angulos do triangulo; e, como a somma de aquelles vale dois rectos, igual valôr tem a somma de estes. Feita esta demonstração, leva-nos a *inducção* a generalisar para todos os triangulos o que demonstrámos para aquelle, concluindo que a somma dos tres angulos de qualquer triangulo vale dois rectos. Mas o que é que nos autoriza a fazer esta generalização? E' o facto de podermos sempre tirar uma parallela a um dos lados de um triangulo pelo vertice do angulo opposto, e por consequencia podermos sempre repetir a mesma demonstração, para todo e qualquer triangulo.

Aqui adquire a *inducção* um grão completo de certeza, o que nem sempre succede em todos os casos.

Quando se trata de phenomenos que se não podem demonstrar por um raciocinio mas que só conseguimos

verificar pela experiencia, o grão de certeza que o nosso espirito pode adquirir já não é completo. E' o que succede com o phenomeno da queda dos corpos no vacuo. Fazendo a experiencia em um dado momento e em um certo lugar da terra vemos, que certos e determinados corpos com os quaes experimentemos, caem no vacuo com a mesma velocidade; depois generalisamos estes dados, obtidos pela experiencia, não só a todos os corpos com os quaes poderíamos ter experimentado naquelle lugar, e naquelle tempo, mas em todos os tempos e em todos os logares da terra, e mesmo á superficie de todos os corpos celestes.

E porque podemos fazer esta generalização? Porque a experiencia mostra nos que as leis da natureza são fixas e invariaveis, e a razão diz-nos que as mesmas causas hão de produzir sempre os mesmos effeitos.

Estes casos de *inducção* formam a transição para os processos dependentes da analogia. Algumas vezes mesmo é tão frisante a semelhança, que, á *inducção* applicada aos phenomenos que dependem da experiencia, podemos chamar-lhe *inducção analogica*.

Como vemos, a *inducção* generalizando e applicando a uma classe de phenomenos semelhantes o que observou n'um só, conduz-nos ao enunciado da lei que domina todos esses phenomenos.

A *analogia* não procede exactamente do mesmo modo. Attinge, como a *inducção*, o enunciado da lei; não pela analyse dos phenomenos incluídos nessa lei, mas pelo estudo das relações de semelhança existentes entre duas classes de phenomenos de natureza differente, ou em condições diversas—e applica aos phenomenos de uma classe as leis já estudadas na outra.

Por um exemplo tirado da arithmetica faremos melhor comprehender ao leitor o alcance pratico deste methodo.

Como o leitor deve saber, chama-se *progressão* a uma serie de numeros que vão augmentando ou diminuindo de forma tal, que a razão (arithmetica ou geometrica) entre dois numeros consecutivos (termos) fica sempre constante. Por exemplo, os numeros assim dispostos:

+ 2. 4. 6. 8. 10. 12. 14. 16

formam uma *progressão arithmetica*.

E a serie de numeros:

++ 2: 4: 8: 16: 32: 64: 128: 256

constitue uma *progressão geometrica*.

Ora, comparando estas duas series de numeros, vemos que entre ellas ha pontos de semelhança—que consistem em serem ambas constituídas por uma serie de numeros que vão sempre variando—crescendo ou decrescendo—segundo uma lei que, para a mesma *progressão* se conserva constante. Mas essa lei differe em cada *progressão* (dissimelhança); porque numa (a pro-

gressão arithmetica) qualquer numero é igual ao antecedente mais um numero constante (razão); na outra (a progressão geometrica), qualquer numero é igual ao anterior, multiplicado por um numero tambem constante. Basta-nos estes dados para que, conhecidas bem as propriedades de uma dellas, das progressões arithmeticas, por exemplo, se deduzam com todo o rigor as propriedades das progressões geometricas. Sabemos, por exemplo que nas progressões arithmeticas, a *somma dos termos equidistantes dos extremos é igual á somma dos extremos*, e isto é bastante para podermos concluir que nas progressões geometricas se deve encontrar uma propriedade analogá, referida não á *somma*, mas á multiplicação. Effectivamente se a progressão geometrica differ da arithmetica em que aquillo que nesta se *somma*, se multiplica naquella, a propriedade analogá na progressão geometrica será que o *producto dos termos equidistantes dos extremos é igual ao producto dos mesmos extremos*.

O mesmo se dará para cada uma das outras propriedades das progressões; e o nosso espirito ficará tão convencido e satisfeito, como se tivesse tocado uma verdade intuitiva.

Porque a *analogia* tem isto de notável: é que nos faz tocar a verdade directamente, como se tratasse de uma verdade intuitiva. Bem entendido que, para que isto succeda, é necessario que sejam tomadas consideração tanto dos pontos de semelhança como dos de dessemelhança; se assim não procedermos, a conclusão a que chegarmos será simplesmente approximativa. Por exemplo, se quizermos saber qual será o destino de um corpo abandonado á acção attractiva de qualquer planeta, diremos que esse corpo será por elle attrahido, como o seria pela terra, se estivesse collocado dentro da sua esphera de acção. Mas a isto se limitará a *analogia*, se não tomarmos em consideração a differença das massas dos dois planetas, a qual nos fará concluir que o peso do corpo não será o mesmo nos dois casos.

(Continúa)

ARTHUR BENONI.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: Maria da C. M. da S. B.

17—Maio—08.—Vontade de sabêr: especialmente quando se accumularem difficuldades que entravem o conhecimento da verdade. Inteligencia povoada de conhecimentos scientificos e litterarios em maior copia do que a vulgar numa senhora portuguesa. Jupiter em boa posição dar-lhe ha autoridade, prudencia, honestidade e bom juizo. Pena é, que goste de sêr lisonjeada. Certo grau de timidez natural prejudi-

ca-a extraordinariamente. E' generosa, mas não tanto como o bom Madeira de 1810. E' pensativa. Deve tomar banhos geraes de limpeza amiudadas vezes. Apesar de muitas e boas qualidades que possui, a presunção e o desejo de sêr lisonjeada, qualidades fundamentais do seu character, transformarão o seu futuro, que poderia sêr um delicioso vergel, numa planicie arida, esteril e pedregosa.

Viajará muito.

Consulente: — Angelina C. M. da S. B.

17—Maio—08.—O seu horoscopo é quasi identico ao da consulente acima indicada. Não admira; são proximas parentes, talvez irmãs e, se uma de V.^{as} E.^{as} se descuida em oito dias, faria annos no mesmo dia do mês, que a outra.

As boas qualidades são as mesmas: desejo de sabêr e gosto pelos estudos litterarios e scientificos. Aubaridade, juizo prudencial, honorabilidade. Mais vigorosa que a D. Maria mas amando a lisonja ainda mais do que éla. Nada pensativa. Timida como uma corça. E' mais do que generosa, é prodiga. Hade querêr insistentemente *uma certa coisa* e nêssa busca hade perder dinheiro ou valores.

Antes dos 30 annos escusa de procurar ou esperar a felicidade.

A tendencia ao suicidio que, constantemente, lhe verruma o espirito, deve sêr, por completo, banida do seu pensamento; tanto mais que não ha razão para tal.

Consulente: — Maria G. da C.

20—5—08.—Oh, minha rica menina, não tenho a menor duvida em dizêrlhe que o seu bom porte e mais partes que em si concorrem, farão de V.^a E.^a, se casar, uma espôsa modêlo: boa dôna de casa e excelente educadora de seus filhos. A vida em familia, entre o marido e as crianças, terá para a consulente encantos como nenhuma outra mas, tudo neste mundo tem um *mas*, mas, não se deixe ir atraz da ternura e da força de amatividade que lhe ferve nas veias e lhe escalda o coração. Deite gêlo no seu vinho, apague o fogareiro a tempo, nem mesmo traga fosforos consigo, porque, dadas certas circunstancias pode a paixão ardente com seu terrivel cortêjo de tempestades, substituir-se ao calmo e doce sentimento que ora reside em seu peito e... adeus Maria G. da C. que vaes á viola sem encontrar quem te atire uma corda salvadora.

Adiante! Isso é consigo; quem boa cama fizer nela se deitará.

Um dos defeitos de que V. E.^a enferma e do qual deve curar-se, é a falta de prudencia, mas, como conjugar esta má qualidade com outra, não melhor, mas que, até certo ponto, contradiz a primeira: a *timidez*? E' paradoxal mas verdadeiro; leio-o nos astros, livro aberto no céu, sem grálhas nem *erratas*.

A consulente é prodiga como a me-

nina que a precedeu no desejo de conhecer-se a si propria: isso é mau, olhe que dá com a casa em *pantana*.

Perca o habito de fazer estalar os ossos das mãos; é um costume ordinario que se reflete tristemente no moral.

Tudo leva a crêr que hade casar com um homem rico que a tornará feliz.

Mas é necessario ter juizo e não metêr lenha de mais no fogão.

G. C.

Veja nas capas as senhas de consulta e mais requisitos.

CURIOSIDADES

A velocidade do vento. — Durante as tempestades o vento chega a adquirir velocidades pasmosas.

Em setembro do anno passado houve uma noute em que pela uma hora a velocidade do vento era de quarenta e dois metros por segundo. Em 12 de novembro de 1894, o observatorio metereologico registou a velocidade de quarenta e oito metros por segundo, quasi trinta e cinco leguas por hora.

Estas velocidades, embora grandes, nada são comparadas com a velocidade que usualmente tem o vento na ponte de Royer, sobre a costa do Pacifico. Em 18 de maio passou ali uma tempestade e verificou-se que a velocidade do vento, attingiu cinquenta e três metros e seis decimetros por segundo.

A tempestade durou três dias. Durante estas 72 horas o ar percorreu 7.570 kilometros acima do observatorio da ponte Royer.

Mil quinhentos e quatorze leguas! Mais da quinta parte da volta ao mundo.

Em 14 de maio do anno passado, houve ali uma tempestade que durou 13 dias e em que a velocidade do vento se manteve a 27 metros por segundo; 83 200 metros por hora ou sejam 17 leguas!

Semana Alegre

Madame Hassano, cantora da Opera de Moscow, devia bastante dinheiro a um carneiro.

O homem tinha ido a casa della para receber a conta por varias vezes, mas sempre sem resultado.

Um dia por acaso, lembrou-se de ir á Opera. Representava-se o *Othello*. Madame Hassano cantava a parte de Osdemona.

Acabada a aria do terceiro acto, o nosso homem ficou tão entusiasmado com o talento da cantora, que entrou a gritar-lhe da platêa «pode ficar socegada que lhe perdôo a divida»

Imaginem a hilariedade que produziu na sala aquelle grito d'alma.

Uns camponezes foram encommendar a um pintor um santo:

— Como o querem os senhores?

— pergunta o artista. — Vivo ou morto?

Atrapalhação dos labregos. Por fim, um d'elles responde:

— Olhe, faça-o vivo. Se não gostarem, elles depois o matarão.

— O numero 13 é fatidico. Tive um tio de 69 annos, que assistiu a um banquete, cujos convidados eram 13.

— E morreu d'ahi a pouco?

— Treze annos depois. Treze, o numero fatal!

Charadas


QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO
DA 4.ª SERIE

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.ª—Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condicção do concurso, augmentando-lhe o praso, assim:
 Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
 A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
 As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifradores

DOM
N.ºs 46, 47 e 48

(Continuação)

- Açnarepse—N.º 46, 16, 47, 13, 48, 14, —(43)—
- Castalia—N.º 46, 17, 47, 14, 48, 14, —(45)—
- Uerba—N.º 46, 17, 47, 14, 48, 14, —(45)—
- No-lo-cria—N.º 46, 17, 47, 14, 48, 14, —(45)—
- E' para rir—N.º 46, 17, 47, 14, 48, 14, —(45)—
- Negrão—N.º 48, 5.

Cabeça d'Agua N.º 48 mais uma.
 Litras tem oito; Quanto ao resto venha a esta redacção.
 Jó-Fera tem mais uma ficando portanto com 10 no N.º 48.

Logogripho

Telegramma

4, 2, 3, 7 }
 7, 5, 1, 4 } Este liquido é da pharmacia.
 4, 2, 6, 7 }

BAILIO

[Empty box for telegramma solution]

Biforme

O insecto do bode-2.

AUPAFIJU

[Empty box for biforme puzzle]

Augmentativa

No principio da serie vi uma escora-2.

LITRAS

[Empty box for augmentativa puzzle]

Crescente

Anda — levanta-te — e vae á — fallar com teu —

GALHETÔ

[Empty box for crescente puzzle]

Acrostico

... P ..
 .. A
 ... L
 .. E
 ... R ..
 M
 O
 D ..
 E ..
 F
 A ..
 .. R
 .. I
 ... A ..

Jornaes

ELMINO

[Empty box for acrostico puzzle]

Enygmas

Typographicos

L

JÓ FÉRA

[Empty box for enygmas puzzle]

T
 TAM
 TO
 ∞

R. PASSOS

[Empty box for typographicos puzzle]

Se no todo de letras cinco,
 Tiram o caracter médio,
 Sabem o que o todo faz
 Para pôr o corpo nédio.

DIVINO

[Empty box for enygmas puzzle]

Por iniciaes

A D F F D A C V E P D
 3 1 2 2 1 5 2 1 1 2 2

J. P.

[Empty box for por iniciaes puzzle]

A P T A
 1 5 2 3

J. P.

[Empty box for por iniciaes puzzle]

De palitos

(Ao charadista Sado)

[Empty box for de palitos puzzle]

Tirando 10 palitos fica uma linha arqueada.

D. ETELVINA DE RAMOS SOEIRO

[Empty box for de palitos puzzle]

Artigos a decifrar, 11.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3^{as} a 5—Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA +++++
◆ ◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆ ◆
Rua S. Vicente á Guis, 22, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

SOUVENIR

(18-4-906)

Movimento de valsa

VALSA

João P. Mineiro.

PIANO

The first system of piano notation for 'Souvenir' consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The music is in 3/4 time and begins with a dynamic marking of *ff*. The piece concludes with a double bar line and a *p* dynamic marking.

The second system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment.

The third system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment.

The fourth system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment. A dynamic marking of *ff* is present.

The fifth system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment.

The sixth system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment. A dynamic marking of *pp* is present.

The seventh system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment.

The eighth system of piano notation continues the piece with two staves. The melody in the upper staff features a series of eighth notes, while the bass line provides a steady accompaniment. A dynamic marking of *p* is present.

Todos os numeros publicam um trecho de musica